

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

BIANCA BILCK FERREIRA

**A JORNADA DO HERÓI EM UMA SÉRIE QUE MESCLA CULTURAS: BRUXA
AKATA, DE NNEDI OKORAFOR**

FLORIANÓPOLIS

2022

BIANCA BILCK FERREIRA

**A JORNADA DO HERÓI EM UMA SÉRIE QUE MESCLA CULTURAS: BRUXA
AKATA, DE NNEDI OKORAFOR**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa do Centro de Comunicação e Expressão — CCE da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras - Português.

Orientadora: Prof.^a Susan de Oliveira, Dr.^a

Coorientadora: Prof.^a Thais Fernandes, Dr.^a

FLORIANÓPOLIS

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ferreira, Bianca Bilck

A jornada do herói em uma série que mescla culturas :
Bruxa Akata, de Nnedi Okorafor / Bianca Bilck Ferreira ;
orientadora, Susan Aparecida de Oliveira, coorientadora,
Tháís Fernandes, 2022.

52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Monomito. 3. Mitologia Igbo. 4.
Jornada do Herói. I. Oliveira, Susan Aparecida de. II.
Fernandes, Tháís. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Letras Português. IV. Título.

BIANCA BILCK FERREIRA

**A JORNADA DO HERÓI EM UMA SÉRIE QUE MESCLA CULTURAS: BRUXA AKATA, DE
NNEDI OKORAFOR**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras Português.

Florianópolis, 23 de novembro de 2022.

Banca examinadora



Documento assinado digitalmente

Thais Fernandes

Data: 23/11/2022 15:35:53-0300

CPF: ***.475.449-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Thaís Fernandes, Dr.^a

Coorientadora

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Documento assinado digitalmente

IZABEL CRISTINA DA ROSA GOMES DOS SA

Data: 23/11/2022 19:23:26-0300

CPF: ***.324.719-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Izabel Cristina da Rosa Gomes dos Santos, Dr.^a

Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Documento assinado digitalmente

Luiz Henrique Milani Queriquelli

Data: 23/11/2022 17:27:59-0300

CPF: ***.107.998-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Luiz Henrique Milani Queriquelli, Dr.

Avaliador

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família: a minha mãe e minha avó por sempre me incentivarem a ler, ao meu pai que sempre me mostrou que eu posso conquistar e ser tudo o que eu quiser e a minha avó paterna por sempre garantir que eu tivesse tudo que eu precisasse para realizar meus sonhos. Da mesma forma, gostaria de agradecer as minhas amigas por terem me apoiado durante todo o processo e a mim por não ter desistido.

Um último agradecimento a Nnedi Okorafor, por ter me apresentado a cultura Igbo e me tornado uma leitora fiel e voraz de seus livros.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo relacionar a jornada do herói, conceito de jornada cíclica presente nos mitos descrito por Joseph Campbell (2007), com os três livros da série adolescente *Bruxa Akata*, da escritora afro-americana Nnedi Okorafor, no qual é apresentada uma garota de 12 anos que descobre ser uma pessoa-leopardo. Dessa forma, o estudo recai na análise dessa conexão entre a narrativa do herói — e outros conceitos relativos ao monomito — com a saga de livros. Além de entender a mitologia e cultura Igbo, que mostra o que é uma pessoa-leopardo. Assim, é colocada a possibilidade de a série ser utilizada não só para atrair os jovens à leitura, bem como ao aprendizado de um antigo conceito literário existente até hoje e de uma pluralidade cultural mundial.

Palavras-chave: monomito; jornada do herói; mitologia Igbo; *Bruxa Akata*.

ABSTRACT

This monograph is intended to relate the hero's journey, concept of cyclical journey present in myths described by Joseph Campbell (2007), with the three teenager books in the Akata Witch, by the African-American writer Nnedi Okorafor, in which a 12-year-old girl discovers she is a Leopard Person. In this way, the study falls on the analysis of this connection between the hero's narrative — and other concepts related to the monomyth — with the book saga. In addition to understanding the Igbo mythology and culture, which shows what a leopard person is. Thus, the possibility is raised that the series can be used not only to attract young people to reading, as well as to learn an old literary concept that still exists today and of a world cultural plurality.

Keywords: monomyth; Igbo mythology; Akata Witch; hero's journey.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa da 1ª edição de Bruxa Akata.....	21
Figura 2 - Capa da 1ª edição do segundo livro, Guerreira Akata	26
Figura 3 - Capa da 1ª edição do terceiro livro, Akata Woman	30

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	MONOMITO	14
2.1	PARTIDA.....	15
2.2	INICIAÇÃO.....	17
2.3	RETORNO.....	18
3	SÉRIE BRUXA AKATA	20
3.1	BRUXA AKATA.....	21
3.2	GUERREIRA AKATA	26
3.3	MULHER AKATA.....	30
4	O MONOMITO EM BRUXA AKATA	34
4.1	O HERÓI DE MIL FACES EM BRUXA AKATA.....	34
4.2	A JORNADA DA HEROÍNA	39
4.3	RELAÇÕES COM OUTRAS OBRAS.....	42
5	A MITOLOGIA IGBO NA SÉRIE BRUXA AKATA	45
6	CONCLUSÃO	49
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, a mitologia e a jornada do herói tornaram-se uma porta de entrada para os jovens na literatura, livros que abordam a mitologia greco-romana, egípcia, nórdica, até a hindu, são recorde de vendas, assim como livros de heróis, bruxos, vampiros, entre outros seres do mundo da fantasia que estão em alguma missão de salvar o mundo já estiveram presentes na lista de mais vendidos do *The New York Times*, como os livros *Percy Jackson* e *Harry Potter*.

A questão é que quando se fala em mitologia, vêm à cabeça as mais famosas como: greco-romana, egípcia, nórdica, entre outras, mas existem muitas outras as quais são encobertas por estas. Afinal, diversos povos construíram diferentes e complexos sistemas mitológicos, ou seja, existe um grande número de mitologias e culturas espalhadas pelo mundo a serem conhecidas.

Neste trabalho, será abordada essa diversidade analisando uma série de livros sobre uma garota afro-americana de ascendência nigeriana que tinha uma vida comum e posteriormente descobre que os mitos Igbo¹ são reais, que todos os seres mitológicos existem e que ela faz parte desse mundo. Essa é a série *Bruxa Akata* (2018), de Nnedi Okorafor, que traz a jornada do herói e uma mitologia que muitos não conhecem e podem ter a chance de começar a se interessar por ela.

Dessa forma, a decisão de trabalhar com essa trilogia se dá justamente a partir da necessidade de se deparar com uma outra cultura, bem como de tratar de uma das coisas mais interessantes aos olhos dos jovens em um livro hoje em dia — a mitologia. O livro também aproveita por trazer, assim como muitos outros livros da atualidade, o conceito clássico de jornada do herói, o qual Campbell traz a sua versão em 1949, quando apresentou a primeira edição do livro *As mil faces de um herói*. Campbell garante que o conceito pode ser usado nas mitologias e lendas de todas as culturas. Desta forma, o leitor, mesmo que de modo inconsciente, aprende sobre um dos conceitos clássicos — o que pode levá-lo a se interessar por alguns livros canônicos em que esteja presente esse tipo de trajetória —, bem como serve para os desconhecedores dessa cultura instruírem-se e os praticantes, se espelharem nela.

¹ Um dos maiores grupos étnicos da África, junto com os Yorubas, habitavam principalmente o sudeste da Nigéria, mas por causa da migração há concentração também em Camarões, na Guiné Equatorial e até fora do continente africano.

Assim, será dado um enfoque na trajetória da personagem principal da série *Bruxa Akata*, Sunny, em sua jornada de compreensão da sua identidade como uma pessoa portadora de magia, de forma a estabelecer uma clara relação com a jornada do herói. Serão expostos quais elementos se referem a quais passagens do livro e também serão usados outros elementos relacionados a esse conceito trazidos por outros autores.

Logo, as seguintes questões podem ser formuladas: como a figura do herói é apresentada durante a obra? Até que ponto a jornada do herói, presente em uma série inspirada na mitologia Igbo: *Bruxa Akata*, condiz com a teoria proposta por Campbell (2007), baseada em mitos surgidos organicamente em suas culturas originais? E como é tratada a cultura Igbo no livro? De quais formas ela é apresentada?

Para se entender melhor, o objetivo do presente trabalho é apresentar a série de livros *Bruxa Akata*, fazer uma análise de toda a trajetória trilhada pela personagem principal e seu caminho de provas como heroína. Além de evidenciar a cultura Igbo presente no livro, principalmente sua mitologia, a qual não faz parte da base empírica original de Campbell (2007).

Para conseguir este feito serão apresentados os três livros que compõem a série: *Bruxa Akata* (2018), *Akata Warrior* (2018)², *Akata Woman* (2022)³, como embasamento teórico da jornada do herói os escritos que vão ser utilizados são: *O herói de mil faces* (2007), de Campbell; *A jornada da heroína* (2022), de Maureen Murdock; *Estética da criação verbal* (2011), de Bakhtin e *O herói interior* (1996), de Carol S. Pearson. E para embasar a presença da etnia Igbo no livro, serão utilizados: *Sociologia* (2008), de Anthony Giddens; *The famished road* (2015), de Ben Okri; *Africa writing and text* (1999), de Simon Battestini, além de alguns artigos e sites de jornais.

Para a elaboração da presente monografia, foi feita uma releitura dos três livros da série, com objetivo de que fossem feitas as devidas anotações e então foi feita uma pesquisa teórica através de livros e artigos sobre os temas abordados: mitologia Igbo e a jornada do herói.

² Foi lida a versão em inglês do livro, porém atualmente existe uma versão em português lançada esse ano, 2022, cujo o título é traduzido como *Guerreira Akata*.

³ O presente livro atualmente só possui a versão em inglês, com as opções de capa dura ou e-book, foi lida a versão e-book.

Na primeira parte, serão abordadas as considerações teóricas sobre a jornada do herói a partir da obra de Joseph Campbell (2007), com foco na teoria existente em seu livro *O herói de mil faces* (2007). Na segunda parte, serão apresentadas as histórias dos três livros de *Bruxa Akata* na forma de um breve resumo. Na terceira parte, será feita uma análise, estabelecendo as relações entre *Bruxa Akata* e *O herói de mil faces* (2007), entre outros livros que abordam aspectos da jornada do herói. Na quarta parte, serão trazidos os elementos e personagens da mitologia Igbo que estão presentes na série. Por fim, na conclusão serão apresentadas as considerações finais.

2 MONOMITO

Para abordar o monomito, convém inicialmente trazer as definições da palavra *mito* fornecidas pelo dicionário:

1 Narrativa de tempos fabulosos ou heroicos referentes a deuses ou a aspectos da condição humana. **2** Tradição que, sob forma alegórica, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico. **3** Representação de pessoa ou de acontecimento, elaborada ou aceita pelos grupos humanos, devido ao intenso interesse que desperta e que passa a fazer parte da tradição. **4** Coisa inacreditável, fantasiosa; utopia. (MICHAELIS, 2008, p. 590)

Assim sendo, é possível perceber que a palavra *mito* pode se referir a histórias contadas por tradição entre povos, em alguns casos mistificando acontecimentos, e em outros, para explicar o que era considerado inexplicável na época. Portanto, diversos grupos de diversas culturas criaram seus mitos, sua mitologia, para embasar sua vida e contar a história desse determinado povo.

Outra definição que também pode elucidar o que significa a palavra *mito* é a definição existente no livro *Mito e realidade* (2019):

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narração de uma 'criação': ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos 'primórdios'. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a 'sobrenaturalidade') de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do 'sobrenatural') no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e converte no que é hoje. E mais, é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELIADE, 2019, p. 11)

De acordo com essa definição e com o que a autora, Mircea Eliade, trata no livro, é possível compreender que os mitos têm mais de uma função e, portanto, definição. Mircea acredita que essa seja a mais adequada por ser mais ampla, dado que eles eram usados em todas as civilizações arcaicas tradicionais e eram distinguidos dos contos justamente pela presença de deuses e entes sobrenaturais, os quais eram capazes de conferir uma significação à existência humana e, dessa

forma, modificavam a condição humana como tal, criando rituais relacionados com essa crença.

Centrando-se na mitologia greco-romana, Eliade (2019) explica que, esses costumes ajudavam as pessoas a se conectar com o real e com o divino. Além disso, eram de uma criatividade tamanha que alguns tornaram-se livros escritos por pessoas que sequer são mitólogos, mas que conseguiam passar com profundidade esses mitos, como Homero.

Posteriormente, os retóricos alexandrinos teceram críticas às tradições mitológicas, pois elas iam de encontro com os evangelhos, mas a mitologia continuava interessando as elites, não mais literalmente, mas de forma alegórica. Assim, se perdeu a valoração religiosa que continha e se converteu em um “tesouro cultural”, como sobrevive até hoje.

Em *O herói de mil faces* (2007), Joseph Campbell, apresenta uma “fórmula” de percurso seguida pelos heróis nos mitos, o monomito ou jornada do herói:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 2007, p. 36)

Campbell baseia-se nas mais variadas mitologias para propor essa tese, entre elas: grega, hindu, budista, yoruba, egípcia, cristã, russa, maori, finlandesa e diversas outras. Segundo ele, o percurso padrão da aventura mitológica é uma ampliação dos ritos de passagem e por isso apresentam três etapas, as quais serão mostradas em seguida: partida, iniciação e retorno, a junção delas forma o monomito.

2.1. PARTIDA

Esse é o primeiro estágio da jornada do herói e é dividido em cinco partes, segundo Campbell (2007): *o chamado da aventura, a recusa do chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar e o ventre da baleia*.

O chamado da aventura consiste no ponto de transição, quando o herói vive sua vida comum e, então, por algum motivo torna-se necessário que ele parta em uma aventura, para um lugar desconhecido, normalmente cheio de magia e

totalmente diferente do que o personagem está acostumado a viver, como é possível ver em:

Mito ou sonho, há nessas aventuras uma atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia. (CAMPBELL, 2007, p. 64)

Dentro do chamado, o herói tem a possibilidade de embarcar na aventura: por vontade própria; sendo levado ou enviado por outro agente — o qual pode ser tão bom quanto mau —; através de um erro cometido pelo personagem; ou o herói pode ser atraído por algo e desviar de sua rota.

Mas existe a possibilidade de o personagem principal não aceitar o chamado logo de início e, então, *recusar o chamado*. A rejeição não acontece necessariamente, mas sempre existe uma possibilidade, afinal o herói pode não ver vantagem em embarcar nessa aventura, dado que:

Os mitos e contos de fadas de todo o mundo deixam claro que a recusa é essencialmente uma recusa a renunciar àquilo que a pessoa considera interesse próprio. O futuro não é encarado em termos de uma série incessante de mortes e nascimentos, e sim em termos da obtenção e proteção do atual sistema de ideias, virtudes, objetivos e vantagens. (CAMPBELL, 2007, p. 67)

O herói que não recusa o chamado, que o atender logo de início, recebe *auxílio sobrenatural*: “O chamado foi, na verdade, o primeiro anúncio do aparecimento desse sacerdote iniciatório” (CAMPBELL, 2007, p. 77). Esse ser, normalmente masculino e ancião, lhe dará amuletos contra as forças que ele está prestes a combater.

Depois, o herói faz *a passagem pelo primeiro limiar*, que é justamente o que separa o seu mundo do mundo da aventura, o mundo até então desconhecido. Há a chance de ter um guardião, o qual irá testar o herói antes de aprovar a sua entrada nesse mundo:

[...] o herói segue em sua aventura até chegar ao ‘guardião do limiar’, na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções — assim como em cima e embaixo —, marcando os limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói. Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo (CAMPBELL, 2007, p. 82).

Após fazer a passagem, o herói desaparece/morre, deixa de existir em seu mundo e, dessa forma, deixa seu antigo eu para trás, renascendo no *ventre da baleia*, a representação de um útero, o útero do mundo.

A idéia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial de um útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu. (CAMPBELL, 2007, p. 91)

2.2. INICIAÇÃO

A iniciação é o segundo estágio da jornada e é dividido em seis fragmentos: o *caminho de provas*, o *encontro com a deusa*, a *mulher como tentação*, a *sintonia com o pai*, a *apoteose* e a *bênção última*.

Depois de cruzar o limiar e renascer no ventre da baleia, é necessário que o herói sobreviva ao *caminho de provas* com a ajuda dos amuletos recebidos e dos conselhos e segredos descobertos, ele também pode receber o apoio de outros personagens os quais conheceu durante a jornada, mas os testes serão somente para ele vencer. “Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e provações miraculosos.” (CAMPBELL, 2007, p. 102).

Após vencer todas as provas, o herói tem um *encontro com a deusa* e assim poderá ter metaforicamente um casamento mítico, já que a mulher é uma guia para o herói em sua jornada, mas a figura feminina também pode ser representada por uma mãe, irmã, amiga ou alguma outra criatura. “A aventura última, quando todas as barreiras e ogros foram vencidos, costuma ser representada como um casamento místico (*hierógamos*) da alma-herói triunfante com a Rainha-Deusa do Mundo.” (CAMPBELL, 2007, p. 111).

Além de encontrar a deusa, o herói também encontrará a *mulher como tentação*, a qual atrapalhará sua jornada se ele se entregar a ela, “todavia, nem mesmo os muros monásticos ou as remotas paragens do deserto podem proteger contra a presença da mulher” (CAMPBELL, 2007, p. 125).

Da mesma forma, o herói terá um encontro com uma figura masculina que represente o poder patriarcal, essa é a *sintonia com o pai*. O personagem principal deseja que o pai seja alguém que o ampare, mas, para isso, precisa confiar na sua face terrível para poder entrar em sintonia e:

[...] se for impossível confiar na terrível face do pai, nossa fé deve concentrar-se em algum outro lugar (Mulher-Aranha, Mãe Abençoada); e, com essa confiança necessária ao apoio, suportamos a crise — apenas para descobrir, no final de tudo, que o pai e a mãe se refletem um ao outro e são, em essência, a mesma coisa. (CAMPBELL, 2007, p. 128)

Então, o herói passa pela *apoteose*, pois já adquiriu força, conhecimento e sabedoria, ou seja, ele já não é o mesmo que entrou nesse mundo desconhecido, com isso ele se transformará e será glorificado. Como colocado no livro:

Somos tirados da mãe, transformados em fragmentos e assimilados ao corpo aniquilador do mundo do ogro de que todas as formas e todos os seres preciosos são apenas o curso de um banquete; mas então, miraculosamente, somos mais do que éramos. (CAMPBELL, 2007, p. 154)

Dessa forma, o herói chega no objetivo de sua aventura e está na hora de receber sua *bênção última* e voltar para casa. Para consegui-la talvez o herói tenha que lutar mais uma batalha, mas receberá uma dádiva, ou um elixir, um tesouro, como a imortalidade, o conhecimento eterno ou qualquer outra coisa que possa tanto beneficiá-lo ou causar a sua desgraça dependendo de como o herói for usá-la.

2.3. RETORNO

A última parte trata do retorno, que é dividido em seis partes: *a recusa do retorno, a fuga mágica, o resgate com auxílio externo, a passagem pelo limiar do retorno, senhor dos dois mundos e liberdade para viver.*

Nesse momento, o herói já fez tudo o que tinha para fazer e recebeu tudo que merecia. É chegada então a hora de retornar para sua vida anterior levando glória para o resto da população e, assim, fechar o ciclo. Porém, pode haver a *recusa do retorno* devido ao seu temor de ser incompreendido pelos outros ou a falta de vontade novamente do herói em deixar aquele mundo. Existem heróis que nunca voltam para casa.

[...] essa responsabilidade tem sido objeto de freqüente (sic) recusa. Mesmo o Buda, após seu triunfo, duvidou da possibilidade de comunicar a mensagem de sua realização. Além disso, conta-se que houve santos que faleceram quando estavam no êxtase celeste. São igualmente numerosos os heróis que, segundo contam as fábulas, fixaram residência eterna na bendita ilha da sempre jovem Deusa do Ser Imortal. (CAMPBELL, 2007, p. 195)

Mas, o herói que aceita retornar, se não tiver a *bênção* da deusa ou do deus e não for encarregado de retornar com algum elixir ou algo destinado a restauração da sociedade ou se o seu troféu foi obtido sem a ajuda de seu guardião, existirá uma *fuga mágica*, muitas vezes considerada cômica, com direito a fenômenos

obstrutores ou “são deixados objetos no caminho para falarem pelo fugitivo e retardarem a perseguição.” (CAMPBELL, 2007, p. 200).

Algumas vezes o herói precisa do *resgate com auxílio externo* justamente porque não consegue fugir de algo ou alguém ou não consegue sair do mundo onde adentrou e precisa que alguém de seu antigo mundo o salve.

Independente do meio escolhido pelo herói para retornar, quando ele o faz, é feita a *passagem pelo limiar do retorno*. Assim, ele sai daquele mundo que um dia foi desconhecido e volta para o seu mundo inicial. Como foi dito por Campbell (2007, p. 213), “os dois mundos, divino e humano, só podem ser descritos como distintos entre si, uma vez que quando o herói entra no ventre da baleia, ele morre simbolicamente em seu mundo e agora que retorna, é como se renascesse”.

Agora, o herói torna-se, metaforicamente, *o senhor dos dois mundos*, pois tem a liberdade de ir e vir entre eles e entende que na verdade eles são um só, pois, na verdade, esse mundo desconhecido está há muito tempo esquecido pelo resto das pessoas.

Como retornou para casa e dividiu a conquista com seus familiares e amigos, adquire a *liberdade para viver* da forma que quiser. Ele compreende a “verdadeira relação existente entre os passageiros fenômenos do tempo e a vida imperecível que vive e morre em todas as coisas.” (CAMPBELL, 2007, p. 232).

Depois de explicitada a teoria, torna-se, então, necessária a exposição dos três livros de *Bruxa Akata*. Será feita uma apresentação relacionada à autora, publicações e, por fim, um breve resumo de cada um dos livros, para contextualizar esse universo aos leigos e para os conhecedores terem a chance de relembrar.

3 SÉRIE BRUXA AKATA

Nnedi Okorafor é uma escritora americana de ascendência nigeriana nascida em Ohio, em 1974. Ela escreve livros de ficção especulativa, ficção científica e fantasia e já ganhou os prêmios Hugo e Nebula em 2016 com a obra *Binti*.

A escritora comenta em entrevistas que sempre gostou muito de ler, mas que também se destacava pelas suas notas em ciências e por ser uma boa jogadora de tênis a ponto de começar uma carreira no esporte. Após sua carreira de atleta terminar devido a uma cirurgia de escoliose mal sucedida, a escrita se tornou o seu principal *hobby* e, futuramente, sua profissão.

Em palestra ao TED (Tecnologia, Entretenimento e Design) Talks⁴, Nnedi Okorafor salienta a importância que as culturas nigerianas, especialmente a Igbo, têm em suas histórias. Conta que viajava com a família para a Nigéria desde pequena e como essas viagens a cativaram. Por isso, desde o primeiro conto que escreveu — o qual não foi divulgado —, as suas histórias tiveram lugar na Nigéria. Inspirada pelo seu amor ao Igbo e a outras cosmologias e espiritualidades tradicionais da África Ocidental é que ela escreve principalmente sobre realismo mágico e fantasia (NNEDI..., 2018).

Em *Bruxa Akata*, série de livros adolescentes de fantasia escritos pela autora, a situação não é diferente, a personagem principal, Sunny, não se encaixa em nenhum “rótulo”, assim como a própria escritora e outros personagens dos livros de Nnedi. Quando perguntada durante entrevista à UCTV⁵, a escritora explica a sua própria situação, já que em diversos contextos Okorafor se encaixava, mas ao mesmo tempo não se encaixava, como o fato de ser nigeriana-americana: não tinha a mesma história que os americanos, mas ao mesmo tempo tinha nascido lá, e o contrário acontecia quando ia para a Nigéria. Ela também não se encaixava em estereótipos, era uma atleta ao mesmo tempo que amava ler, o que ia contra as categorias sólidas e específicas estipuladas pela sociedade (AN EVENING..., 2019).

Dessa forma, *Bruxa Akata* vira uma série sobre uma menina chamada Sunny, americana de ascendência nigeriana, a qual volta com sua família para a Nigéria (próximo à cidade de Aba) e enfrenta dificuldades tanto por sua mistura cultural, quanto por descobrir a veracidade de um mito do qual agora ela faz parte, ou seja, a

⁴ Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Mt0PiXLvYIU>.

⁵ Link: <https://www.youtube.com/watch?v=nanoQWr9o7o>.

existência de pessoas-leopardo (equivalente a bruxos). Assim, Sunny e seus amigos, também pessoas-leopardo, embarcam em uma aventura para elevarem sua magia e combaterem o mal. Além disso, Sunny é uma garota albina negra, o que marca mais ainda a sua dificuldade para se encaixar, devido a sua aparência, sua palidez, é considerada feia pelos seus colegas de classe.

Bruxa Akata é constantemente comparada a série de livros britânica *Harry Potter*, da escritora J. K. Rowling, mas, pelo fato de a primeira explorar uma cultura diferente da segunda e, portanto, ter uma base distinta, não seria correto compará-las, dado que o único ponto de aproximação entre as duas, seria fato de elas trabalharem com personagens mágicos e que se utilizam da jornada do herói.

3.1. BRUXA AKATA

Figura 1 - Capa da 1ª edição de *Bruxa Akata*.



Fonte: Galera Record (2018)

Em 2011 foi publicado nos Estados Unidos o livro *Bruxa Akata*, que dá início a trilogia intitulada no original *The Nsibidi Scripts*, mas foi apenas em 2018 que os livros começaram a ser publicados no Brasil pela editora Galera Record. No entanto, na tradução esse nome não se manteve, então ficou apenas como a série ou saga *Bruxa Akata*.

A narrativa do livro é feita em terceira pessoa, porém no prólogo Sunny, em primeira pessoa, explica como tudo começou. Ela relata ser uma garota americana

de 12 anos, mas de ascendência nigeriana e de cultura Igbo. Sua família voltou para a Nigéria quando ela tinha 9 anos e além dela, seus pais também tiveram anteriormente dois meninos nigerianos. Além disso, Sunny também explica que é uma negra albina.

Ela conta que uma vez, quando já estava na Nigéria, depois de ter acendido uma vela e ficar olhando atentamente para ela, Sunny pensou ter visto alguma coisa grande e assustadora na chama da vela e chegou mais perto até seu cabelo começar a pegar fogo e sua mãe ter de apaga-lo e cortá-lo.

Depois desse início, no primeiro capítulo, o livro é narrado em terceira pessoa por um narrador onisciente. Logo no começo, sabe-se que Sunny sofre *bullying* no colégio por sua aparência e, depois de ter perdido parte do seu cabelo por causa da situação com a vela, sofre mais opressão e violência por ter ficado ainda mais distinta do resto. Nesse momento, um menino chamado Orlu coloca-se do lado da personagem principal, os dois apanham, mas começam a desenvolver uma amizade.

Por causa da sua amizade com o menino, Sunny conhece Chichi, amiga de Orlu que se torna também sua amiga. Ela não frequenta a escola e tem um jeito que Sunny acha incomum. Os dois amigos falam coisas que Sunny não entende, então, para a menina entender, Chichi e Orlu incentivam-na a fazer um juramento de confidencialidade, o que ela aceita. Depois de fazer o juramento, Sunny sente que o mundo está diferente para ela de alguma forma. Seus amigos se oferecem para explicar o que ela quiser saber, mas suas explicações só a deixam mais confusa.

Orlu explica para Sunny que eles, incluindo ela mesma, são pessoas-leopardo, algo semelhante a bruxos, pessoas que mexem com juju, ou seja, magia, que pode ser boa, ruim ou apenas ser algo. O nome pessoa-leopardo veio de um grupo poderoso chamado ekpe, considerado uma sociedade-leopardo e viralizou.

Sunny acredita no que o amigo disse, pois se lembra da situação da vela — ela tinha visto algo fora do comum ali. A menina acredita mais ainda quando chega em casa e vê um inseto que nunca viu na vida e que não parece ser desse mundo.

No dia seguinte, as crianças se encontraram de novo e a levam para um lugar onde ela iria passar pela iniciação: a cabana de Anatov, lugar desconhecido por Sunny até então. O velho aceita iniciá-la, faz alguns símbolos na frente da menina e, quando dá por si, Sunny estava sendo sugada pela terra, indo em direção ao centro, de uma forma extremamente rápida; ela não conseguia respirar e acabou comendo

terra. Quando voltou, suas roupas tinham mudado e moedas estranhas caíram na cabana.

Embora Sunny não soubesse, nesse momento ela estava mostrando a sua cara espiritual, todas as pessoas-leopardo tem essa cara, ela parece uma máscara, representa a pessoa mais que a sua cara física e nunca envelhece. É uma forma na qual não pode mentir nem esconder nada e por isso não é usada em público, é algo muito íntimo. A cara espiritual de cada um tem um nome, o da sua era Anyanwu, um espírito muito antigo.

Também lhe é explicado que existem níveis de pessoas-leopardo: passar pela iniciação é passar pelo primeiro nível, Ekpiri; depois, há o segundo nível, o Mbawkwa, que se passa entre os 16-17 anos; o terceiro nível, Nidbu, que é como fazer um doutorado; e o último nível, Oku Akama: quem não passou por ele não sabe como faz para passar; apenas oito pessoas na Nigéria chegaram a esse nível, incluindo Anatov.

O velho pergunta para Sunny de sua família, dizendo que a magia podia aparecer em todas as gerações da família ou pular uma, o que aconteceu na família de Sunny, já que provavelmente sua avó foi uma pessoa-leopardo, mas isso não foi passado para a sua mãe. Essa condição tornava a menina uma agente livre, uma pessoa que embora participasse desse mundo, precisava de ajuda com relação ao que era, pois não tinha consciência verdadeira daquilo, já que sua família não vivia nesse mesmo mundo.

Na cabana de Anatov, as crianças também conhecem Sasha, um garoto americano que, por ter arranjado confusão nos Estados Unidos, foi mandado por seus pais para Nigéria, para morar com Orlu e estudar com Anatov, e que se tornará o quarto membro do grupo.

Depois de saírem da cabana decidem mostrar mais para Sunny sobre esse mundo, então a levam ao quartel general das pessoas-leopardo na Nigéria: Leopardo Bate a Pata. Ele serve para passar o tempo com outras pessoas desse mesmo mundo, para se proteger e para comprar coisas específicas. Mas a única forma de chegar nesse lugar é passando por uma ponte em cima de um rio que tem uma fera, a qual protege Leopardo Bate. Pela ponte só pode atravessar uma pessoa de cada vez, e somente a verdade permite que qualquer um atravesse. Chichi ensina Sunny a invocar a sua cara espiritual e a mantê-la durante a travessia. Em

Leopardo Bate, vão comprar livros, incluindo um de iniciação, para Sunny começar a entender melhor esse novo mundo.

A primeira vez que Sunny faz um juju é justamente para ir às aulas de Anatov. Em seu livro para agentes livres, ela descobre como fazer um juju que a deixe invisível e atravesse portas. Na aula Ihe é explicado que o fato de ela ser albina Ihe é benéfico no mundo leopardo, pois dessa forma ela consegue fazer alguns jujus sem precisar de nada para fazê-los, como atravessar portas, além de poder prever o futuro, como ela fez com a vela.

Todos têm uma característica especial que Ihe proporciona vantagens no mundo leopardo. Orlu é disléxico e, por conta disso, tem o poder de desfazer jujus, e Chichi só precisa ler algo uma vez para gravar completamente — essas são suas habilidades especiais.

Conforme as semanas foram se passando, Sunny lutava para conseguir conciliar os dois mundos: as aulas de Anatov com todos os desafios e aprendizados sobre esse mundo novo, e a escola comum. Anatov andava mandando-os em missões perigosas e cheias de ensinamentos para encontrar alguns acadêmicos de último nível, os quais seriam os mentores de cada uma das crianças (com exceção de Chichi que já era mentorada por Anatov). Kehinde virou mentor de Sasha e Taiwo se ofereceu para ser mentor de Orlu.

Mas, antes que Sunny pudesse conhecer alguém que a auxiliaria a chegar no segundo nível, ela violou uma das regras das pessoas-leopardo e mostrou sua cara espiritual para a valentona do colégio, ou seja, uma pessoa que não faz parte desse mundo de magia. Sunny tinha o objetivo de intimidá-la, o que conseguiu, mas sua atitude Ihe trouxe consequências.

Foi levada pelo Conselho para a Biblioteca de Obi, uma biblioteca em Leopardo Bate que é símbolo do conhecimento e da ordem entre as pessoas-leopardo na Nigéria. Lá, Sunny conversou com Sugar Cream — outra acadêmica de último nível — sobre qual seria o preço que iria pagar pelo que fez. Pelo fato de Sunny ser uma agente livre, ela apenas recebeu uma advertência de Sugar Cream e um aviso sobre o que acontecerá se ela quebrar as regras novamente.

Sugar Cream interessa-se em saber mais sobre a garota, mas deixa claro o quanto a atitude dela foi incosequente e imatura e como estava decepcionada com ela. Sugar Cream incita Sunny sobre o que ela poderia aprender a fazer com a habilidade que tem, além de evaporar para conseguir passar por portas e janelas,

ela também poderia caminhar no mundo dos espíritos, ir e vir quando quisesse e também driblar o tempo, pois no mundo dos espíritos não existe a concepção de tempo. Ela também revela a Sunny que Anatov pretendia que ela fosse a mentora de Sunny, mas que agora não sabe mais se vai aceitar ou não.

As crianças também são levadas por Anatov para o final do Festival de Zuma, um evento de pessoas-leopardo altamente conhecido que acontecia em Abuja, a capital da Nigéria. Lá, as crianças se divertem, Sunny compra um livro em uma escrita diferente, em Nsibidi, uma língua leopardo especial na qual os símbolos se mexem.

Além de se divertirem, os quatro percebem que muitas pessoas-leopardo tem uma preocupação maior com dinheiro do que com o conhecimento, o que teoricamente deveria ser o contrário para eles. Ali, as crianças também aprontam e em uma disputa com outros adolescentes acabam despertando um grande mascarado, Mmuo Aku, os mascarados são seres superiores que vagueiam no mundo espiritual e físico. No livro, assim como nos mitos, Mmuo Aku brota do solo por meio de um cupinzeiro causando desordem, e as crianças voltam para casa.

Enquanto Sunny se diverte com a descoberta da sua vida, existe um criminoso à solta, chamado Chapéu Preto Otokoto. Ele vem matando crianças na Nigéria, e agora os quatro amigos descobrem que ele é uma pessoa-leopardo maléfica, que chegou no último nível de magia graças à avó de Sunny.

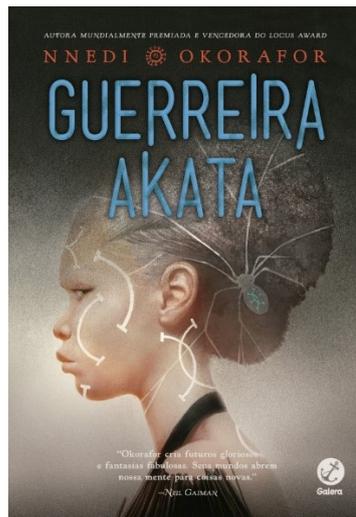
Dias depois, Anatov busca Sunny para levá-la para Leopardo Bate. Lá estão reunidos todos os seus mentores, os três amigos e Sugar Cream. Eles informam às crianças que Chapéu Preto Otokoto está atacando outra vez e sabem que ele está fazendo tudo isso em prol de algo maior, de trazer à vida Ekwensu, o ser maléfico que é capaz de destruir o mundo. Para pará-lo, eles necessitam das crianças. Embora Sunny proteste muito e não entenda por que eles, em vez dos adultos, têm de ir atrás de alguém tão perigoso assim, acabam indo.

A missão deles é encontrar as crianças que foram raptadas por Chapéu Preto, não as deixar morrer e combatê-lo antes que ele consiga evocar Ekwensu. Mas, quando eles chegam à cena, as crianças já estão mortas. Sem muita dificuldade eles matam Chapéu Preto, porém Ekwensu também começa a surgir. Antes que ele adquirisse a sua forma plena, Anyanwu, através de Sunny, faz um juju com algumas palavras mágicas de um tempo muito distante e consegue derrotá-lo.

No final, as crianças voltam à vida com a ajuda de Orlu e seus poderes, e cada um volta para a sua família com a vitória. Depois dessa provação, Sugar Cream aceita ser mentora de Sunny.

3.2. GUERREIRA AKATA

Figura 2 - Capa da 1ª edição do segundo livro, *Guerreira Akata*.



Fonte: Galera Record (2022)

O segundo livro da série foi publicado nos Estados Unidos em 2017, com o título original *Akata Warrior*, e chegou ao Brasil em setembro deste ano (2022). Tudo começa um ano depois de as crianças enfrentarem Ekwensu, quando Sunny está focada em desenvolver seus poderes mágicos junto à Sugar Cream, e sua família tem consciência que Sunny está envolvida em algo secreto.

Dessa forma tem-se uma atualização de como estão as coisas, Sunny está bem mais forte, graças aos seus treinos como pessoa-leopardo, e tem um sentimento muito grande de pertencimento a esse mundo. Também entendeu um pouco de quem foi sua avó e encontrou algumas coisas dela em uma caixa. Mas ainda se sente perdida com relação a quem ela realmente é dentro desse mundo e no mundo convencional.

Além disso, ela anda tendo muitos sonhos estranhos, sobre uma cidade cheia de fumaça, como se estivesse pegando fogo, algo parecido com a imagem que ela viu na chama da vela, só que bem mais clara. O que quer dizer que algo está chegando e que as coisas não mudaram depois da morte de Ekwensu.

Uma noite estudando com Sugar Cream em Leopardo Bate, ela é atacada pela fera do lago — parente da fera do rio —, e é salva por Mami Wata, um espírito da água, o qual também lhe dá um presente: um pente. Sugar Cream acha estranho a criatura ter atacado Sunny, pois não era de seu costume.

Passam-se semanas ao longo das quais é possível observar o avanço lento de Sunny na leitura do livro em Nsibidi; seus encontros com Anatov e seus amigos, para mais ensinamentos e treino de habilidades; e seus encontros com Sugar Cream, em que esta tenta aprimorar as habilidades de Sunny, ensinando-a a desaparecer de um lugar e reaparecer em outro, com o objetivo que um dia ela consiga transitar entre o mundo dos vivos e dos espíritos.

Em uma noite, voltando de suas aulas com Sugar Cream, Sunny encontra seu irmão mais velho, o qual tinha ido para a faculdade e tem o mesmo nome que o deus supremo, Chukwu, tentando se esgueirar para dentro de casa. Ele conta que se meteu com as pessoas erradas na faculdade e que está fugindo, portanto, precisa do dinheiro que deixou guardado em casa. Sunny promete dar um jeito nessa situação para ele poder voltar para a faculdade, o que obviamente Chukwu desacredita e pede a ela para não se meter.

Com a ajuda de Chichi, Sunny vai até a faculdade para assustar as pessoas que fizeram mal a seu irmão, mas embora Chichi tivesse elaborado um plano que não as denunciaria e por isso não iriam infringir nenhuma regra, a raiva de Sunny sai de seu controle e ela usa seus poderes para aparecer como uma bruxa na frente de uma dessas pessoas e avisá-la para ficar longe do irmão dela.

Assim como no livro anterior, Sunny é enviada pelo Conselho imediatamente à Biblioteca de Obi para receber um castigo de Sugar Cream. Como da primeira vez ela só levou uma advertência, dessa vez ela precisava de uma punição real. Então, Sugar Cream decidiu deixá-la no porão por três dias. A sentença não teria sido um problema se não existisse um espírito no porão tentando matá-la, um Djinn mascarado, que se esconde entre os livros e traz a sensação de cansaço e desânimo para quem fica perto dele.

Mas, com a ajuda da aranha Ogwu e suas filhas — que vivem na biblioteca —, e com a libertação dos poderes de Sunny de transitar entre mundos, ela consegue tirar a máscara do Djinn e também libertar as aranhas que estavam presas ali. Depois de toda dificuldade enfrentada, ela consegue encarar melhor o que resta dos três dias de confinamento.

Quando sai, fica sabendo que seu irmão conseguiu voltar para a faculdade. Ele não sabe o que ela fez para conseguir isso, mas entende que a irmã está metida com algo grande e imagina ser algo parecido com o que ele se meteu na faculdade e, por isso, se preocupa com ela. Chegando em casa, por ter ficado fora por muito tempo sem dar notícias, encontra sua mãe preocupada e seu pai agressivo.

Em uma das vezes em que as crianças estão saindo de Leopardo Bate, Sunny tem problemas para passar pela ponte: a fera do rio tenta atacá-la, mesmo com ela usando a sua cara espiritual. Dentro desse embate, ela entende por que tantas criaturas andam atrás dela: Ekwensu está tentando voltar para o mundo dos vivos e enquanto não consegue, usa de outras criaturas para afetá-la.

Nessa tentativa de desestabilizá-la, Ekwensu usa seus poderes para desprender Sunny de sua cara espiritual, Anyanwu, o que deveria matar a menina, mas de alguma forma as duas sobrevivem. Anyanwu não tem mais a necessidade de estar sempre junto de Sunny — mesmo que as duas sejam a mesma pessoa —, então vai embora, o que faz Sunny ficar mais perdida sobre quem ela é; afinal, segundo o que ela pensa, ela precisa de Anyanwu para pertencer ao mundo das pessoas-leopardo.

Para tentar entender o que aconteceu com ela e Anyanwu, e para entender o que seus sonhos estão querendo lhe dizer, os amigos de Sunny a levam para ver Bola Yusuf, uma adoradora de Mami Wata muito boa em predições e em dar voz aos espíritos.

Bola incentiva Sunny a ler Nsibidi, pois ali estarão muitas respostas que ela procura, mas mostra que eles entenderam errado os sonhos: eles não são sobre uma cidade em chamas, mas sobre uma cidade de fumaça, Osisí, à qual eles só conseguirão chegar se forem até Udide, a aranha das aranhas, em Lagos, e conseguirem com que ela aceite lhes emprestar um rato selvagem voador.

Além disso, vasculhando o que sua avó deixou, tem uma carta em Nsibidi, que fala sobre um lugar em Osisí, uma casa onde sua avó ia às vezes. Para ir até Lagos, eles têm que viajar e, para convencer os pais de Sunny, pedem ao irmão mais velho de Sunny, Chukwu, para levá-los, mas não contam nenhum dos motivos pelos quais eles precisam ir para lá. Ele aceita, e todos se preparam para ir. Durante a ida, param um dia na casa dos parentes de Chichi, onde Sunny é atacada novamente no meio da noite, mas depois conseguem chegar a Lagos.

Quando chegam à caverna de Udide, ela não fica feliz em vê-los, pois Chichi sabe de algo que o seu povo, mais especificamente a sua mãe, uma sacerdotisa do povo Nimm — povo do qual Sunny também faz parte, mas como guerreira —, roubou dela, e Udide quer de volta. Portanto, ela ameaça matá-los, mas, no final, com a promessa de que Chichi e Sunny resgatariam o que lhe foi roubado, ela concorda em ajudar e lhes apresenta um rato selvagem gigante que vai levá-los para Osi.

Voltam para casa do amigo de Chukwu com o animal invisível e no dia seguinte vão para Osi, mas, quando estão para sair, Chukwu vê o rato gigante e se desespera. Ele não quer deixar Sunny ir com eles. Para que ele não atrapalhe a saída deles, que tem de ser rápida devido ao Conselho — instituição que controla os limites para o uso de magia — já estar a caminho, Sunny faz um juju em Chukwu, que o faz ficar aterrorizado e sair correndo, no mesmo momento em que o Conselho chega e eles saem voando invisíveis.

Durante a ida, quando param para comer, Sunny é puxada para o mundo dos espíritos a mando de Ekwensu, com o objetivo de derrotá-la, mas ela consegue se transportar para o mundo dos vivos novamente e salvar sua vida. Em Osi, eles vão até a casa descrita pela avó.

Sasha e Chichi reviraram os livros da casa, o que acabou invocando novamente o mascarado que já lhe causara problemas anteriormente e quase os matou no primeiro livro, Mmuo Aku. Ele voltou para pegar Chichi. Além dele, a mascarada Ekwensu reaparece. Enquanto Sasha ia ajudar Chichi, Sunny foi atrás de Ekwensu. Dessa vez, Sunny não tentou derrotá-la com jujus e magia, mas com sua força física ela retirou a máscara da mascarada.

Sunny, então, encontra-se em um lugar diferente de onde ela estava e finalmente ela entende que precisava lutar com Ekwensu sozinha, sem Anyanwu. Nesse lugar, aparece o criador de todas as coisas, Chukwu, na sua frente para repetirem uma tradição de quebrar noz-de-cola, na qual a mulher tem que servir o homem mais velho, dando-lhe a primeira noz, e depois ir servindo os mais novos até chegar nela.

Depois ela volta para Osi e encontra seus amigos que tinham ficado lutando com Mmuo Aku. Voltam para Lagos, encontram o irmão de Sunny e então voltam para casa. O Conselho retira todas as acusações contra eles, já que tinham derrotado Ekwensu.

3.3. MULHER AKATA

Figura 3 - Capa da 1ª edição do terceiro livro, *Akata Woman*.



Fonte: Amazon (2022)

O terceiro livro da série foi publicado este ano (2022) nos Estados Unidos, com o título original *Akata Woman*, mas ainda não foi traduzido para o português. Dado que os títulos dos livros anteriores foram traduzidos fielmente, imagina-se que esse não irá ser diferente.

O início do livro é calmo, todas as quatro crianças estão treinando para passar para o segundo nível de magia como pessoa-leopardo. A primeira a passar pela prova é Chichi, depois Sasha. Logo depois, Udide cobra Sunny e Chichi de recuperar o objeto precioso que lhe foi roubado e decreta que elas teriam nove dias para conseguir. Assim, elas começam a pensar em como chegar na vila das Nimm, de onde acreditavam que sairiam mortas, afinal, todas as referências a elas as retratavam como seres extremamente unidos e ferozes.

O grupo enfrenta vários problemas relacionados a como chegar na vila das Nimm e onde ela fica, mas consegue achar pessoas que conhecem parte do percurso e depois consegue achar por conta própria a entrada. Pelo fato de homens não serem aceitos na maior parte do dia, somente Sunny e Chichi entram, mas têm sérios problemas com o povo Nimm.

É contada a Sunny a história de por que a mãe de Chichi foi banida da vila: ela matou duas de suas melhores amigas, rainhas Nimm, por causa desse pergaminho, o qual precisa ser retornado. Sunny lhes pergunta onde ele está, mas é dito que não está com elas, que está em algum ponto na Estrada que muda a cada momento. Ainda assim, deram-lhe uma madeira escrita em Nsibidi que os ajudaria a chegar lá. Logo que pega na madeira, Sunny dá um jeito de tirá-las de lá.

Chichi explica porque sua mãe fez o que fez: essas duas rainhas foram mandadas para roubar o pergaminho de Udide, para salvá-las de uma extinção Nimm, mas as duas Nimms que foram com a mãe de Chichi queriam roubar o pergaminho para quem estava governando a Nigéria naquele momento em troca de muito dinheiro. Elas tinham sido corrompidas e iriam matar a mãe de Chichi para conseguir o que queriam, então ela foi obrigada a matá-las, mas a vila entendeu o contrário e nunca a deixou se explicar. Ela foi embora para não morrer e chegando em Leopardo Bate, falou tudo para Anatov, que lhe deu apoio.

Sunny enfrenta dificuldades com a família na volta e ficar um tempo na casa de Chichi. Sunny também estava tendo problemas com Anyanwu: ela quase não aparecia, e Sunny se sentia incompleta. Ela pediu ajuda para Sugar Cream para entender o pergaminho. A mentora disse que era uma invocação de algo muito grande e perigoso, o espírito da Estrada, Uzo Mmuo, o Adão de Chukwo. Então, disse que não era para invocá-lo por acidente, pois é muito fácil se perder lá e se perder de si.

Logo antes de eles irem rumo ao pergaminho, Orlu passou em sua prova para o segundo nível. Assim que ele se recuperou, Sunny leu a invocação, que os levou para o mundo dos espíritos. Sunny segurou o tempo, afinal os dias estavam acabando e eles precisavam entregar o pergaminho a Udide.

Todos eles estavam com suas caras espirituais, e Anyanwu também apareceu junto de Sunny. Sunny conseguia ver uma linha flutuando que os guiaria até o pergaminho, então todos a seguiram. Foi uma longa caminhada, até que chegaram a um novo lugar, para além do mundo dos espíritos, onde as suas faces voltaram ao normal e não conseguiam ver mais Anyanwu. Então, eles foram para Ginem. Continuaram andando e passaram para outro lugar onde as coisas eram diferentes, um caos organizado, a total oposição da lógica; eles estavam perto, finalmente estavam na Estrada. Tudo isso apavorou Sunny, enquanto Anyanwu estava sendo corajosa e queria descobrir melhor aquele lugar.

Lá eles acham o Bone Collector, uma fera imortal feita daquela estrada e que definia quem podia e quem não podia passar. Ele mostra para Sunny visões sobre ela e o passado de sua família. A menina vê que um ano antes de nascer, ela nasceu como menino na mesma família, seu nome era Anyanwu, em homenagem ao seu avô, mas acabou morrendo e veio um ano depois como uma pessoa-leopardo. Por ter nascido duas vezes, não morreu quando ela e sua cara espiritual foram separadas e, pelo mesmo motivo, ela adquiriu a habilidade de transitar entre os mundos, pois era uma ogbanje, uma criança-espírito. Diferente do que todo mundo achava: que o motivo para transitar entre mundos era o seu albinismo.

Anyanwu estava lutando com a fera para deixá-los passar, mas ela só autorizou a passagem quando Sunny mencionou Udide e o caminho que eles estavam seguindo. Eles caminharam por mais um tempo, até encontrarem o mascarado Danafojura, o qual barrou novamente o caminho deles e disse que o que eles procuram estava na Casa do Poder, mas que só Sunny, acompanhada de Anyanwu e Chichi, poderia entrar.

Quando entraram e começaram a procurar o pergaminho dentro da casa, acabaram encontrando um mascarado muito alto e amedrontador, Ajofia. Ele deixa claro que, para ter o pergaminho, a pessoa teria que ser um mestre em magia, ao que Sunny se desespera, já que ela ainda está no primeiro nível. Sem pensar, ela pega a bolsa do mascarado e corre para outro cômodo, com o objetivo de fazê-lo se afastar de Chichi. Quando ela olha na bolsa, vê ervas que deixam seus dedos entorpecidos e posteriormente a sua boca, quando ela decide comê-las. Dessa forma, ela derrota o mascarado.

Essa é uma das formas mais difíceis de derrotar um mascarado. A partir do momento que a pessoa pega sua bolsa e come suas ervas, ela se torna uma parceira dele. Assim, Ajofia não representava mais perigo a elas. Sunny se dá conta do que fez, entende que não era Anyanwu que precisava cuidar de Sunny e entendê-la, mas Sunny que precisava se elevar até o nível de Anyanwu.

Quando saíram para encontrar os meninos, Sunny conseguiu invocar um carro dirigido por uma pessoa-leopardo, que os levou de volta para Aba e, por ter pedido para eles voltarem exatamente para onde tinham saído, acabaram voltando para o exato mesmo momento, nem um minuto a mais.

Em casa, Sunny conseguiu se reconciliar com os pais, já que entendia melhor tudo que eles tinham passado, e eles compreenderam um pouco mais o lado dela, embora não soubessem nada sobre o outro mundo do qual ela fazia parte.

No dia seguinte Chichi e Sunny entregaram o pergaminho de volta para Udide, mas Sunny sabia que Udide planejava matar Chichi e a rainha Nimm assim que conseguisse o que queria. Então ela fez com que Udide reencontrasse o seu amado com o intuito de tentar pará-la. Depois de muito implorar, Sunny consegue o que quer. A garota conta tudo a Sugar Cream, e ela faz com que Sunny faça a prova para o segundo nível, prova na qual a menina passou facilmente.

4 O MONOMITO EM *BRUXA AKATA*

Agora que foram apresentados a base teórica e os livros de *Bruxa Akata*, será feita a análise propriamente dita da jornada, fazendo uma comparação para verificar quais semelhanças entre o que foi proposto por Campbell (2007) e a história de Sunny. Lembrando que a teoria proposta é baseada em mitos surgidos organicamente em suas culturas originais e não romances baseados em mitos, como é a trilogia; ainda assim, é possível encontrar semelhanças. Também serão relacionados alguns outros conceitos com a jornada do herói e com a saga de livros.

4.1. O HERÓI DE MIL FACES EM *BRUXA AKATA*

Cada livro de *Bruxa Akata* pode ser analisado de forma individual ou incluindo os três livros ao todo. Portanto, será feita uma análise considerando a totalidade da trilogia, mas em alguns momentos será destacado cada livro individualmente para que os outros livros tenham também a sua devida relevância. Dessa forma, será retomado o conceito da jornada do herói, que será associado com o percurso feito por Sunny, recorrendo a excertos dos livros *Bruxa Akata*.

Como foi visto anteriormente, a jornada começa com a *partida*, quando o herói recebe o chamado para a aventura; talvez recuse inicialmente esse chamado; obtém o auxílio sobrenatural que lhe ajuda durante a sua missão; passa pelo primeiro limiar do novo mundo; e morre para o seu mundo ao desaparecer.

Em *Bruxa Akata*, Sunny tem uma vida normal antes de virar amiga de Orlu e Chichi: embora sofra *bullying*, nada do que acontece na sua vida pode ser considerado extraordinário. Mas, a partir do momento em que ela vê algo naquela vela, a sua vida muda, pois é por causa desse acontecimento que vira amiga dessas crianças, faz o juramento e acredita no que eles lhe dizem sobre pessoas-leopardo. Como é possível ver nesse trecho:

A vela simplesmente tremeluziu, como qualquer outra chama. Cheguei ainda mais perto, até que a chama estivesse a poucos centímetros de meus olhos. Eu estava vendo alguma coisa. Cheguei ainda mais perto. Eu estava quase lá. Estava apenas começando a entender o que tinha visto quando a chama beijou alguma coisa acima de minha cabeça. [...] Meu cabelo estava pegando fogo! (OKORAFOR, 2018, p. 10)

A recusa do chamado pode ser vista não através de uma falta de vontade de Sunny de integrar e entender esse mundo, mas o que a fez hesitar foi uma questão cultural familiar. Ela foi ensinada que jujus são coisa do mal, da mesma forma que era proibida de falar sobre sua avó em casa, por uma não aceitação de seus mistérios e sumiços durante a noite. No trecho abaixo fica clara essa questão:

— Minha mãe diz que este tipo de coisa é do mal — comentou ela baixinho.

— Com todo o respeito, sua mãe não entende muito de juju — retrucou Orlu. — Confie em mim.

Ainda assim, ela hesitou. No fim das contas, a curiosidade falou mais alto, como sempre costumava acontecer, especialmente depois do que viu na chama da vela. (OKORAFOR, 2018, p. 36)

O auxílio sobrenatural ocorre através de Anyanwu, que dá a Sunny o poder de ler Nsibidi no primeiro livro e segue a aconselhando e ajudando nos dois restantes. Com relação às ajudas sobrenaturais, a menina recebe várias no decorrer dos livros, e é possível destacar algumas como: Chichi lhe mostrar como chamar sua cara espiritual e fazer música para Sunny passar pela ponte; no final do livro, Anyanwu se lembrar do juju para derrotar Ekwensu e os conselhos e ensinamentos de Anatov que a guiam pelo primeiro livro. Em *Akata warrior* (2018), tem o auxílio de Mmuo Miri, o espírito da água, que lhe dá o pente; os conselhos de Sugar Cream para desbloquear e aprimorar suas habilidades e a carta deixada pela avó, na qual ela mostra o local da batalha com Ekwensu. Em *Akata woman* (2022), há a rainha Nimm que lhe dá a evocação do espírito da estrada e os conselhos de Anyanwu e Sugar Cream.

A passagem pelo primeiro limiar se dá quando Sunny atravessa a ponte, mesmo com a fera do rio a vigiando — o qual representa o monstro enfrentado para a passagem — e então ela chega em Leopardo Bate. Nesta passagem de *Bruxa Akata* (2018), Chichi explica um pouco melhor como funciona a ponte:

— A ponte é uma ‘ligação’ — prosseguiu Chichi. — É uma parte do mundo espiritual que existe no mundo físico. É por isso que Leopardo Bate foi construído aqui. Leopardo Bate fica em uma ilha conjurada pelos ancestrais... [...]

[...] — Então para atravessar, você deve invocar sua cara espiritual. (OKORAFOR, 2018, p. 66)

O ventre da baleia ocorre de uma forma um pouco diferente nessa saga de livros, pois embora Sunny desapareça de seu mundo comum quando está em Leopardo Bate, no Festival de Zuma, na caverna de Udide e no mundo dos espíritos,

sua ausência não é notada por muito tempo, pois ela não chega a se desfazer do seu mundo, o máximo que ela se ausenta são dias e muitas das vezes já cria uma justificativa para essa ausência, quando não, os únicos preocupados são seus pais.

A segunda fase do monomito é a *iniciação*, quando o herói começa seu caminho de provas; encontra-se com a deusa; tem a mulher como tentação; encontra com o pai; vive o ápice da jornada, a apoteose; e recebe a bênção última.

Em cada livro de *Bruxa Akata*, Sunny e seus amigos têm um caminho de provas diferente para percorrer e antagonistas para enfrentar. Em *Bruxa Akata* (2018), as crianças precisam derrotar Chapéu Preto e impedir que Ekwensu venha para o mundo humano; em *Guerreira Akata* (2017), as crianças precisam chegar a Osisi e impedir que Ekwensu se reerga novamente; e, em *Mulher Akata* (2022), elas têm que recuperar o pergaminho e entregá-lo de volta a Udide, ao mesmo tempo que precisam impedir Udide de matá-los.

Durante os três livros, Sunny tem alguns encontros com personagens femininas, alguns de forma positiva, significando o encontro com a deusa, no caso o encontro com Mami Wata, que a salva, os conselhos e avisos de Sugar Cream, também o encontro com Bola, que lhes mostra para onde devem ir, as cartas deixadas pela sua avó e sua real guia, Anyanwu.

Já a mulher como tentação não aparece da forma como é descrita por Campbell, devido ao fato de Sunny ter interesse em homens e também pelo fato de ela iniciar sua trajetória ainda com 12 anos. Dito isso, a mulher como tentação pode ser vista mais como uma simples tentação da personagem principal em enfrentar os seus problemas fora do mundo das pessoas-leopardo com magia e, especialmente, mostrar a sua cara espiritual, mesmo sendo proibido. Como pode ser visto no primeiro livro, quando ela o faz para enfrentar a valentona do colégio:

— Tente me bater de novo para você ver... — ameaçou Sunny, quase sem fôlego. — Lembre-se disso da próxima vez em que sequer *cogitar* me bater!
— Sem nem mesmo pensar, ela invocou sua cara espiritual. — Gggrrrr! — Rugiu ela. Jibaku gritou tão alto que todos, inclusive os garotos, vieram correndo. Imediatamente, Sunny retraiu sua cara espiritual e se levantou. (OKORAFOR, 2018, p. 166)

Obviamente, Sunny também se relaciona com o mundo masculino no decorrer da trilogia, ou seja, o encontro com o pai. Seu encontro com o deus Chukwu é uma grande representação disso, mas também seu irmão de mesmo nome e Anatov. Agora, a principal representação desse encontro é o próprio pai da

menina, ele é a figura assustadora de quem Sunny quer aprovação e com o qual, no final do terceiro livro, alcança um entendimento maior, como fica claro no excerto a seguir:

Ele puxou-a para ele e a envolveu em seus braços. Ela era maior do que ele agora, mas ela ainda se sentiu pequena, como sua criança. Ele a apertou e ela o abraçou de volta. Ela entendia muito melhor agora. Talvez ele também. Agora.

— Me desculpa, Sunny, — ele disse — me desculpa.

— Pai — ela disse segurando-o com mais força.

Quando ele finalmente a soltou, tocou sua bochecha. [...]

— Eu nunca vou entender, — ele disse — mas eu te vejo... todos vocês. (OKORAFOR, 2022, p. 383-384, tradução nossa)⁶

A apoteose é atingida em *Mulher Akata* (2022), quando Sunny se torna parceira do mascarado Ajofia e entende quem ela realmente é e do que é capaz de fazer, e assim compreende porque tinha que ter passado por tudo isso sozinha, até sem a ajuda de Anyanwu. No livro, quando Chichi aponta que Sunny poderia usá-lo para passar pelo último nível de magia, é isso que acontece dentro da cabeça da menina:

Sunny congela e balança a cabeça. O último nível de Leopards só foi passado por oito pessoas na face da Terra.

— Não — ela disse.

Mas pensou em como enfrentou Ajofia...e como ela se sentiu. Ela sentiu... como ela imaginava que Anyanwu se sentia. Com isso ela parou, uma pergunta pairava sobre ela: e se não era Anyanwu que deveria descer até Sunny, mas Sunny que deveria subir até Anyanwu? Isso teria explicado todo que tinha acontecido desde que ela se tornou uma pessoa-leopardo [...] (OKORAFOR, 2022, p. 358-359, tradução nossa).⁷

A bênção última foi o pergaminho, e o último livro inteiro foi aquela última batalha que o herói talvez precisasse lutar para conseguir a recompensa. Dentro do pergaminho tinha um gazal, no qual havia vários jujus que Sunny poderia ter usado em benefício próprio, mas usou para fazer com que Udide reencontrasse seu amor depois de anos e, assim, fez com que a aranha não matasse Sunny, Chichi e a

⁶ “He pulled her to him and wrapped her in his arms. She was taller than he was now, but she still felt small, like his child. He squeezed her tightly and she hugged him back. She understood so much more now. Maybe he did, too. Now. ‘I’m sorry, Sunny,’ he said. ‘I’m so sorry.’ ‘Dad,’ she said, holding on to him more tightly. [...] ‘I will never understand,’ he said. ‘but I see you...all of you.’”

⁷ “Sunny frowned and shook her head. The last level of Leopardom had Only been passed by eight living people on Earth. ‘Nah,’ she said. But she thought about how she’d faced Ajofia...and oh, how it *felt*. She’d felt...how she imagined Anyanwu felt. She paused at this, a question tumbling over her: Wha if Anyanwu wasn’t meant to come *down* to Sunny, but it was Sunny who was meant to go *up* to Anyanwu? It would explain all that had happened since she become a Leopard Person [...]”.

rainha Nimm. A citação a seguir, mostra tudo o que Sunny entendeu do pergaminho com o poema lírico e tudo que ele poderia fazer:

O Gazal de Udide era um livro de memórias cheio de receitas inspiradas em uma arma criada a partir de um testamento de um livro de comando místico centrado no amor. A jornada dele, o poder dele, a cura dele, o preço dele, o peso dele, o juju dele. Provavelmente, tinham mil receitas no Gazal que poderiam destruir, até apagar, o universo. Os olhos de Sunny pularam do Gazal, focando nas poucas palavras que ela podia interpretar, lutando contra a dor de cabeça que lê-los causava...e ela achou o que ela precisava. E usou agora. (OKORAFOR, 2022, p. 386, tradução nossa)⁸

A última etapa da jornada é o retorno, quando o herói pode recusar-se a voltar eternamente; se voltar, pode fazê-lo através da fuga mágica; recebe ajuda externa; passa pelo limiar do retorno; torna-se senhor dos dois mundos; e ganha liberdade para, enfim, viver.

Embora Sunny desconfie a todo o momento do seu potencial e tenha em muitos momentos a necessidade da ajuda de outros, ela nunca desistiu, nunca correu de seus desafios, até porque ela se reconhece muito mais nesse mundo do que no mundo que ela vivia antes. Então, depois de enfrentá-los, todos estão sempre tão cansados que só querem voltar para o seu lar, o que não é diferente com Sunny.

A fuga mágica acontece quando eles ainda estão no meio do percurso. É no segundo livro, quando eles têm que chegar em Osisi, o rato voador foi visto pelo irmão de Sunny e o Conselho fica atrás deles, embora este não seja uma criatura maléfica, mas apenas uma instituição que controla os limites desse mundo mágico. Outro momento em que a fuga ocorre é ainda no segundo livro, quando Sunny foi puxada pela fera do lago e vai para o mundo dos espíritos a mando de Ekwensu, e ele está prestes a conseguir matá-la, mas ela consegue usar seus poderes para fazê-la voltar para o mundo normal onde estava a fera do lago, como se vê na citação a baixo:

Ela respirou fundo uma última vez e lentamente virou-se para a morte. Logo antes de encará-la, ela fechou os olhos. E assim como tinha feito, ela se chutou para trás como se estivesse na água.

⁸ “Udide’s ghazal was a memoir fueled by, recepies inspired by, a weapon created from, a testament to, a mystical command book centered on love. The Journey of it, the power of it, the healing of it, the price of it, the weight of it, the *juju* of it. There were probably a thousand recepies on that ghazal that could destroy, even erase, the universe. Sunny’s eye had jumped around the ghazal, foususin on the few words she could interpret, fighting the headache that reading them caused...and she’d found what she needed. And used it now.”

Ela ouviu o grunhido raivoso da morte enquanto seu corpo se afastava. O ímpeto diminuiu e ela se sentiu caindo no chão. *Oh não!* Ela pensou. Então, ela afundou na água. Ela se debateu, chocada com a umidade e peso. Seu corpo estava brilhando como o sol, perfurando a escuridão aquosa. Ela se virou e ficou cara-a-cara com o olhar surpreso da fera do lago. (OKORAFOR, 2018, p. 389-390, tradução nossa)⁹

Em alguns momentos eles precisam de ajuda para voltar, como acontece no segundo livro, quando eles voltam de Osisí por meio do rato selvagem voador, que também foi a criatura que os levou para lá e, no terceiro livro, no qual Sunny consegue chamar uma motorista pessoa-leopardo para os tirar daquela estrada, a qual fica depois do mundo dos espíritos e de Ginen, e levá-los para casa.

A passagem pelo limiar do retorno sempre se dá dentro de um carro, quando eles chegam de volta às suas casas. No primeiro livro foi por um carro do Conselho, no segundo pelo carro do irmão de Sunny e, no terceiro, pelo carro dessa motorista pessoa-leopardo. Pelo fato de eles viverem em uma sociedade secreta que está sempre salvando o mundo humano, não existe nenhuma comemoração por qualquer um dos feitos deles.

Dessa forma, Sunny vira simbolicamente senhora dos dois mundos e tem liberdade para ir e vir entre eles e até um terceiro, no caso, o mundo dos espíritos, por ser uma pessoa-leopardo e pertencer aos três.

Agora, serão abordados alguns outros livros teóricos que fazem relação com o conceito de jornada do herói e que também podem ser associados com a saga *Bruxa Akata*.

4.2. A JORNADA DA HEROÍNA

Além do conceito criado por Campbell, outras relações podem ser feitas ligadas a essa questão do monomito. Maureen Murdock, uma estudante do trabalho de Campbell, publicou um livro que dialoga com *As mil faces de um herói*, isso porque mostra que o modelo dele falha em abordar a jornada psicoespiritual das mulheres, em específico, das contemporâneas. Por isso, em seu livro, *A jornada da*

⁹ “She took a deep breath, one last one, then slowly she turned to Death. Just before she faced Death, she shut her eyes. And just as she did, she kicked herself back as if she were in water. She heard the angry growl of Death as her body shot away. Her momentum slowed and she felt herself falling to the ground. *Oh no!* She thought. Then she plunged into water. She flailed, shocked by its wetness and weight. Her body was glowing like the sun, piercing the aqueous darkness. She turned and came face-to-face with the surprised eye of the lake beast.”

heroína (2022), ela utiliza deusas as quais fazem parte de muitas mitologias e não lhes era dada a devida importância como Kali, Atena, Psiquê, Ifigênia, Eresquigal, Ísis, Afrodite, Deméter, Perséfone, Hécate, Inana, Henwen, Oxum, Héstia, Gaia, Kwan Yin, Dakini Negra, Minne, entre outras, para desenvolver um modelo que descreve a natureza cíclica da experiência feminina.

Os estágios dessa jornada são diferentes dos estágios descritos por Campbell (2007). Segundo Murdock (2022), o primeiro estágio é a *separação do feminino*, onde a heroína começa com uma busca por reconhecimento e sucesso em uma cultura patriarcal, ocorrendo a morte espiritual, ou seja, a morte do feminino dentro da mulher. Ocorre dessa forma porque:

Em nossa cultura, as meninas internalizaram o mito da inferioridade feminina e, portanto, têm uma necessidade maior do que os meninos de aprovação e validação. Elas sentem dificuldade de arriscar desagradar os pais [...] (MURDOCK, 2022, p. 44).

Como é descrito no resumo dos livros, Sunny tem a necessidade de agradar os pais e se sente extremamente culpada quando não consegue, enquanto os irmãos parecem não sentir essa mesma pressão e nem têm de obedecer a tantas regras quanto Sunny.

Devido a essa separação do feminino, o segundo estágio é a *identificação com o masculino*. Portanto, além de rejeitar o feminino, a menina começa por se identificar com o masculino patriarcal exterior cuja força motriz é o poder, buscando um desejo desumano de perfeição e assim se identificar com sua voz masculina interior, a qual infelizmente em sua sede de poder vai calar a voz feminina, a qual estabelece quando ela tem que descansar. Afinal, “nada do que ela faz é suficiente, ele a empurra para frente, ‘mais, melhor, mais rápido’, sem reconhecer seus anseios por ser amada, por se sentir satisfeita ou mesmo por descansar.” (MURDOCK, 2022, p. 71).

Dessa mesma forma age Sunny quando tenta ser perfeita nos dois mundos aos quais pertence: deprecia-se quando não consegue e aceita a repressão do pai, bem como suas grosserias para com ela quando ela não se portar de forma perfeita.

O estágio da *estrada de provações* é semelhante ao caminho de provas descrito por Campbell (2007) no que se refere à jornada exterior, mas com relação à jornada interior, que é mais lenta, o objetivo é superar:

Os dragões que ciosamente guardam o mito da dependência, o mito da inferioridade feminina e o mito do amor romântico são adversários temíveis. Esta não é uma jornada para covardes. É preciso uma coragem gigantesca para esquadrihar as próprias profundezas. (MURDOCK, 2022, p. 82)

Na saga *Bruxa Akata*, Sunny tem a jornada exterior que inicia desde o momento em que ela descobre a existência desse mundo de magia, mas junto disso, ela também se sente altamente dependente dos seus amigos e professores, bem como de Anyanwu, por ser sua cara espiritual e Sunny achar que precisa dela para fazer parte daquele mundo, algo que só vai ser sanado completamente no final da série.

Para que a heroína comece sua jornada interior é necessário que passe pela *iniciação e descida para a Deusa*. “A morte de um filho, da mãe, do pai ou do cônjuge, da pessoa com a qual a vida e a identidade da mulher estiverem estreitamente entrelaçadas, pode marcar a jornada ao submundo.” (MURDOCK, 2022, p. 133). Dessa forma a heroína adentra no ventre da baleia através dessa perda transformadora que a leva a investigar dentro de si algo que supra essa falta.

Sunny tem sua iniciação no segundo livro, *Akata warrior* (2018), quando ela e seu eu espiritual se separam. Neste momento se torna necessário que Sunny aprenda a não contar sempre com a presença de Anyanwu e entenda que pode fazer parte daquele mundo sem que seu ser espiritual esteja sempre com ela.

É quando a heroína faz a descida para a Deusa que ela vai *curando a ruptura mãe/filha*. Essa cura pode ocorrer de várias formas, segundo Murdock (2022), através da busca pela mãe pessoal, pela divina cotidianidade, na natureza e na comunidade, pela avó como guia e na mulher como criadora de mitos: “se não foi iniciada em uma mitologia feminina pela mãe ou a avó, a mulher tem que desenvolver sua própria relação com seu feminino interior, com a Grande Mãe.” (MURDOCK, 2022, p. 202).

Nos livros, é possível entender que Sunny cura essa ruptura através da avó como guia, dado que, embora tardiamente, a menina foi guiada pela avó nesse mundo mitológico no qual ela descobre Anyanwu. É através da sua relação com o seu ser espiritual que Sunny cura a ruptura entre mãe e filha, principalmente quando percebe que é ela quem tem que alcançar o nível de magia e sabedoria de Anyanwu.

Assim como é feita a cura entre mãe e filha, também é preciso *encontrar o homem interior com coração*. Afinal, “o desafio para a heroína não é a conquista,

mas a aceitação: aceitação de suas partes inomináveis e não amadas que se tornaram tirânicas por terem sido ignoradas.” (MURDOCK, 2022, p. 221). É preciso identificar essas partes feridas, bem como observar os aspectos positivos da sua natureza masculina.

Quando é mostrado a Sunny o que sua família enfrentou antes de ela nascer e ela se reconhece como uma Ogbaje, ela alcança essa aceitação, bem como compreende muito melhor o que sua família passou e porque agiam daquela forma.

O estágio final é o *além da dualidade*, onde ocorre o casamento sagrado do masculino com o feminino, ou seja, a mulher se aceita da forma que é, integrando os dois aspectos da sua natureza, dessa forma ela reconhece suas feridas, abençoa-as e as deixa ir.

Sunny o faz no reencontro com a sua família, quando eles a aceitam do jeito que ela é, e ela aceita a família dela, fazendo as pazes com todo o seu passado: com Anyanwu, com o fato de ser uma Ogbanje e com os motivos de sua família a tratar da forma que a tratava.

4.3. RELAÇÕES COM OUTRAS OBRAS

Um outro escritor que traz a essa relação da narrativa com o herói é o pensador russo Mikhail Bakhtin em seu livro *Estética da criação verbal* (2011), no capítulo *Tipologia histórica do romance*. Quando fala sobre o romance de provação, é possível encontrar semelhanças tanto com o conceito de monomito, quanto com a jornada percorrida por Sunny.

O romance de provação é caracterizado por Bakhtin (2011), como aquele que “começa onde começa o desvio em relação ao curso social normal e biográfico da vida, e termina onde a vida volta ao curso normal.” (p. 211). Todas as descobertas feitas por Sunny e as aventuras de que ela participa provêm de um mundo fantástico inteiramente diferente do curso social normal. O conceito criado por Campbell (2007) é exatamente sobre esse ciclo: uma vida normal rompida por algum acontecimento que impele o herói para o mundo fantástico, o qual é vivido intensamente até que exista o momento de retorno ao antigo mundo.

O romance de provação sugerido por Bakhtin (2011) também dispõe de uma representação de mundo centrada na protagonista, na qual os personagens secundários e suas vidas se tornam pano de fundo para a personagem central.

Dentro da trilogia, essa questão se torna clara muitas vezes. O leitor só entende esse novo mundo à medida que Sunny também o compreende. Por exemplo, a história da mãe de Chichi é revelada apenas quando ela conta para Sunny e seus amigos, entre outros entendimentos que o leitor só tem conforme a personagem principal os descobre.

A escritora Carol S. Pearson baseia-se em Campbell para criar suas teorias e, dessa forma, escreveu o livro *O herói interior* (1996), onde é possível analisar diversos arquétipos de heróis, sendo o mais adequado para representar Sunny, o mago:

Os Magos sabem que não são o centro do universo; contudo, esse conhecimento não os perturba. Eles sabem que são importantes, que suas escolhas e atos individuais se acumulam para codificar o universo e, assim como o Mártir, eles sabem que apenas oferecendo seu dom único ao universo é que a verdadeira felicidade e satisfação poderá ser alcançada. (PEARSON, 1996, p. 160)

Isso condiz com o que aparece na trilogia. Afinal, no primeiro livro, Sunny fica indignada em diversos momentos durante seus ensinamentos, durante os quais percebe que correu risco de morrer, assim como no final do primeiro livro, pelos adultos estarem deixando crianças enfrentarem seu inimigo mais forte, o qual está pondo em risco não só eles como o mundo todo. Mas, com o decorrer dos livros, Sunny vai entendendo que todas essas situações eram maiores do que ela e do que todos eles, e por terem os poderes que tinham, eram obrigados a se doar para o universo, já que eram a melhor chance de combater aquele mal. Além de no final se sentirem gratificados por terem conseguido superar o obstáculo e terem feito alguma coisa a respeito. Um bom exemplo é quando os quatro amigos vão atrás de Kehinde e, depois de enfrentar diversos desafios, Sunny reclama:

— Ora... eu só... — Ela pressionou um lábio contra o outro e, depois, gritou: — Nós poderíamos ter *morrido!* — Ela hesitou. — Francamente, que espécie de ‘professor’ faz isso com seus alunos? Nós nos deparamos com uma alma da mata! E se ela tivesse nos matado? Meus pais nem sabem que eu *saí de casa!*

— Se vocês tivessem *morrido*, nós os encontraríamos, e seus cadáveres seriam devolvidos a seus pais com... explicações — argumentou Kehinde.

Sunny ficou boquiaberta. *Que espécie de homem frio e desumano era aquele?* (OKORAFOR, 2018, p. 124-125)

A saga *Bruxa Akata* também evoca as mais diversas criaturas mitológicas, com uma protagonista que vive entre dois mundos, no mundo comum, humano, e

em um mundo escondido, de magia. Da mesma forma se posiciona Pearson: “os Magos lutam para viver em harmonia com os mundos supernatural e natural, o que exige totalidade e equilíbrio interiores.” (PEARSON, 1996, p. 161). E, por mais que as pessoas do mundo comum não saibam, devido às aventuras enfrentadas por Sunny, ela protege o mundo inteiro das forças do mal e de um possível apocalipse, ao mesmo tempo que busca um equilíbrio interior, que só consegue no final da saga, quando equilibra os dois mundos.

Depois de feitas as análises acerca do monomito e tudo relacionado a ele, em seguida, será feita uma análise da presença da mitologia Igbo na obra.

5 A MITOLOGIA IGBO NA SÉRIE BRUXA AKATA

Segundo Anthony Giddens, é possível perceber que a etnicidade tem a ver com as práticas culturais que distinguem uma dada comunidade das demais:

[...] 'etnicidade' é um conceito de significado puramente social. [...] diferentes características podem servir para distinguir os grupos étnicos uns dos outros, mas as mais comuns são a linguagem, a história ou a ancestralidade (real ou imaginária), a religião, os modos de vestir e outros adornos. (GIDDENS, 2008, p. 248)

Nas obras de Nnedi Okorafor, em específico na série de livros *Bruxa Akata*, é possível identificar que essa diferenciação se centra principalmente no que Giddens (2008) chamou de ancestralidade, nesse caso, imaginária, ou seja, os personagens mitológicos que aparecem com frequência no romance, as pessoas-leopardo, os mascarados, o deus Chukwu, o espírito Mami Wata, entre outros personagens da mitologia Igbo.

Para embasar a pesquisa foram usados artigos de jornais e os livros *African writing and text* (1999), de Simon Battestini, e *The famished road* (2015), do autor nigeriano Bem Okri. Este último, é um livro escrito após a guerra civil na Nigéria. Nele, através de um pouco de mitologia e pelos olhos de uma criança, o autor mostra o sofrimento do povo com a guerra.

No livro de Ben Okri são trazidas lendas presentes na Nigéria. Uma delas é o dos mascarados, que surgem com a presença do som de batuques de fundo, além de serem criaturas ativas e tão temidas quanto respeitadas — da mesma forma como ocorre em *Bruxa Akata* (2018). Uma das passagens desse surgimento é esta:

Tambores vibraram no ar. Um gato miou alto como se tivesse sido jogado no fogo. Então um mascarado gigante irrompeu da estrada, com plumas de fumaça saindo de sua cabeça. Eu chorei amedrontado e me escondi atrás de uma tenda. O mascarado era aterrorizante e ardente, seu rugido fúnebre encheu a rua com um silêncio antigo. Eu assisti horrorizado. Eu o observei pela sombra de uma grande árvore queimando, enquanto ele dançava na rua vazia. (OKRI, 2015, n.p., tradução nossa)¹⁰

O site *The Guardian* da Nigéria, em uma matéria em 2021 feita por Franklin Ugobude, explica um pouco mais sobre os mascarados. Eles são vistos como seres superiores que devem ser tratados com respeito devido ao fato de estarem

¹⁰ "Drums vibrate in the air. A cat cried out as if it had been thrown on to a fire. Then a gigantic Masquerade burst out of the road, with plumes of smoke billowing from its head. I gave a frightened cry and hid behind a stall. The Masquerade was terrifying and fiery, its funeral roar filled the street with an ancient silence. I watched it in horror. I watched it by its shadow of a great tree burning, as it danced in the empty street."

presentes tanto no mundo espiritual quanto no físico e trazem o mito de que — assim como é retratado em *Bruxa Akata* (2018) — os mascarados brotam do solo e se tornam mais altos que o homem e devem ser considerados como seres superiores, como é possível observar abaixo:

O cupinzeiro estava desmoronando no centro. Todos deram passos para trás quando uma protuberância de madeira emergiu dali. Ela estava presa ao topo de um enorme tufo de ráfia grossa. Depois, o cupinzeiro começou a se expandir. Eles chegaram ainda mais para trás. O corpo da criatura era grande e bulboso, coberto por um lindo tecido azul brilhante. Búzios e contas azuis e brancas pendiam de fios de lã azul. Eles tilintaram e clicaram conforme o mascarado crescia.

Quando ultrapassou 4,50 metros, parou de crescer. O retumbar dos tambores e o som da flauta atingiram um crescendo. O enorme tufo de ráfia no topo caiu, revelando uma cabeça com quatro rostos. (OKORAFOR, 2018, p. 256)

De acordo com esse mesmo artigo, os mascarados são uma aparição comum em celebrações tradicionais. Pessoas que se caracterizam deles têm que usar uma vestimenta específica e, obviamente, a máscara, sendo algumas muito bonitas e outras sinistras. Dessa forma, é possível cogitar a hipótese de que quando as crianças mostram sua cara espiritual é como se elas estivessem mascaradas, até porque sua cara espiritual é bem diferente, muitas vezes similar a madeira ou algum outro material, como é possível perceber quando Sunny vê a cara espiritual de Chichi pela primeira vez:

A cara espiritual de Chichi parecia uma máscara cerimonial perfeitamente entalhada.

Era comprida, mais ou menos do tamanho de seu antebraço e feita de uma substância dura como mirta marmorizada. Os dois olhos eram saliências quadradas, coloridas com o que parecia ser tinta azul, duas linhas brancas iam dos olhos até as bordas de um queixo pontudo. O nariz era comprido e contornado de branco. A boca era um sorriso arreganhado e preto. (OKORAFOR, 2018, p. 67)

No romance de Bem Okri, também é mostrado que o personagem principal é uma criança espiritual, ou seja, que vive entre a vida e a morte. Essas crianças fazem parte das mitologias Igbo e Iorubá, sendo chamadas pela primeira de ogbanje e pela segunda, de abicu. Elas recebem o nome de criança espiritual porque é acreditado que a criança, antes de nascer, fez um pacto com os outros espíritos: de retornar rápido ao mundo dos espíritos; caso ela não o fizesse, começaria a ter alucinações e ser assombrada pelos espíritos com quem fez o pacto. Nesse trecho é explicado melhor:

Quanto mais felizes éramos, mais próximo era nosso nascimento. Quando nos aproximamos de uma outra encarnação, nós fizemos pactos de voltar para o mundo espiritual na primeira oportunidade. Fizemos esses votos em campos de flores intensas e ao doce sabor desse mundo. Aqueles que fazem esses votos são conhecidos pelos vivos como abiku, criança-espírito. Nem todas as pessoas nos reconhecem. Nós éramos aqueles que vivem indo e vindo, indispostos a chegar a um acordo com a vida. Nós tínhamos a capacidade de desejar a nossa morte. Nossos pactos eram vinculativos. Aqueles que quebraram seus pactos foram assaltados por alucinações e assombrados por seus companheiros. Eles só encontrariam consolo quando retornassem para o mundo dos nascituros, o lugar das fontes, onde seus entes queridos estariam esperando por eles silenciosamente. (OKRI, 2015, n.p., tradução nossa)¹¹

Da mesma forma, ocorre na trilogia de Nnedi Okorafor: pensava-se que Sunny conseguia transitar entre o mundo humano e dos espíritos por ser albina, mas no último livro é revelado que é por ela já ter nascido uma vez, ter morrido e retornado na mesma família — o que a tornava uma Ogbanje; e dado que ela realmente conseguia ter acesso ao mundo dos espíritos, seus amigos espirituais não viam problema em ela continuar viva por mais tempo do que o combinado. Como é possível ver a seguir:

Sunny apenas olhou para o céu. *Eu sou uma ogbange, um vai e vem.* Isso foi o que Bone Collector tinha dito para ela. Ela estremeceu, deixando o conhecimento se assentar como uma grande pedra jogada no oceano. Um ogbanje era um espírito que ia e vinha, sempre persuadido de volta ao mundo espiritual por seus amigos espirituais. Ela tinha nascido de seus pais um ano antes como um menino, e então ela morreu. Naquela época, seu pai quis nomeá-la Anyanwu, o nome que seu avô lhe dera em um sonho. Quando ela nasceu novamente, ela era uma pessoa-leopardo com a habilidade de transitar. Essa habilidade não veio com o seu albinismo, veio por ela ser uma ogbaje. Os seus amigos espíritos...eles são as borboletas que ela via no mundo dos espíritos.

Seus amigos espíritos sabiam que ela sempre estaria perto, então diferente da maioria dos ogbanjes, os dela nunca a pressionaram para ela voltar morrendo. (OKORAFOR, 2022, p. 329, tradução nossa)¹²

¹¹ “The happier we were, the closer was our birth. As we approached another incarnation we made pacts that we would return to the spirit world at the first opportunity. We made these vows in fields of intense flowers and in the sweet-tasting moonlight of that world. Those of us who made such vows were known among the Living as abiku, spirit-children. Not all people recognised us. We were the ones who kept coming and going, unwilling to come to terms with life. We had the ability to will our deaths. Our pacts were binding.

Those who broke their pacts were assailed by hallucinations and haunted by their companions. They would only find consolation when they returned to the world of the Unborn, the place of fountains, where their loved ones would be waiting for them silently.”

¹² “Sunny just stared at the sky. *I’m an ogbanje, a come and go.* That’s what the Bone Collector had told her. She shivered, letting the knowledge sink in like a large stone thrown into the ocean. An *ogbange* was a spirit who came and went, Always coaxed back to the spirit world by her spirits friends. She had been born to her parentes a year before as a boy, and then she’d died. Back then, her father had wanted to name her Anyanwu, the name her grandfather had been given for her in a dream. When she was born again, she was a Leopard Person with the ability to glide. That ability had not

Outro personagem muito importante de se salientar que realmente faz parte da mitologia Igbo é o ser supremo Chukwu. Um artigo do site de notícias pan-africano PlusTV África, feita por Abisoye, em 2021, aborda que os Igbos presentes na parte sudoeste da Nigéria acreditam que Chukwu é o ser supremo, criador de todas as coisas. Inclusive, os Igbos cristãos acreditam que Deus significa Chukwu em seu dialeto e honram esse deus nomeando seus filhos com o nome dele. Por isso, no livro o irmão mais velho de Sunny e o deus supremo carregam o mesmo nome, como é colocado no segundo livro: “esse era o seu irmão Chukwu, cujo nome queria dizer ‘Ser Supremo’ [...]” (OKORAFOR, 2018, p. 99, tradução nossa)¹³.

Mami Wata, também chamada de Mmuo Miri é outro ser, mais especificamente, um espírito que aparece no decorrer da história e, segundo o PhD. Ikechukwu Anthony Kanu (2021) em seu artigo sobre o significado ecológico de Mmuo Mmiri na filosofia e religião Igbo, ela é conhecida por ser o espírito da vida marinha, que ajuda os humanos e às vezes lhes dá presentes. Exatamente tudo que é representado sobre ela no livro, afinal ela salva Sunny quando a menina é atacada pela fera do lago e lhe dá um pente.

O próprio termo usado por nos livros de Okorafor para aqueles que fazem parte desse mundo de magia, pessoas-leopardo, — baseando-se nos próprios livros de Okorafor e o livro *African writing and text* (1999), de Simon Battestini — é baseado na sociedade secreta Ekpe, também chamada de Sociedade Leopardo. Uma das mais antigas sociedades secretas que atravessam o rio Níger, na África ocidental, e levavam esse nome por serem uma nação guerreira, a qual trajava pele de leopardo. A própria sociedade tinha como sistema de escrita o Nsibidi e, justamente por serem uma comunidade secreta, existiam diversas lendas acerca de seus propósitos e do que faziam.

Além da mitologia, o livro também traz outros elementos da cultura Nigeriana, como a linguagem: os personagens falam pelo menos uma língua africana, como o igbo e o efik. Ademais, a culinária local é ressaltada com a tradição do ritual de quebrar a noz-de-cola e a presença em diversos pontos da leitura do arroz jollof, entre outras comidas.

come with her albinism, it had come with her being an *ogbanje*. Her spirits friends...they were the fireflies she'd been seeing in the wilderness.

Her spirits friends knew she'd always be close, so unlike those of most *ogbanje*, hers never pressured her to come back to them by dying.”

¹³ “This was her brother Chukwu, whose name meant ‘Supreme Being’, [...]”.

6 CONCLUSÃO

O presente trabalho, explorou o conceito de Campbell (2007) da jornada de um herói, com todo o seu ciclo, no qual o herói recebe o chamado para partir em uma aventura, é iniciado e posteriormente retorna ao seu antigo lar com todos os benefícios alcançados para seu povo e para si. Um conceito baseado nos mais diversos mitos e teoricamente que pode ser utilizado para retratar a jornada de todos eles.

Também foi feita a associação entre a Série de livros *Bruxa Akata*, da escritora afro-americana Nnedi Okorafor, com o monomito de Campbell (2007), e foi percebido que, muito embora possua algumas diferenças relacionadas ao fato de a personagem principal ser uma heroína e não um herói e também a questão de a série ser baseada em mitos e ocorrer nos tempos atuais, enquanto a teoria se baseia em mitos extremamente antigos nascidos organicamente, não se perde a essência do conceito.

A jornada da heroína (2022), descrita por Maureen Murdock, é outra teoria que, embora seja mais voltada para um comportamento feminino contemporâneo, pode ser comparada com a trajetória escolhida por Sunny, já que ela tem questões um pouco diferentes do monomito defendido por Campbell (2007) e baseia-se em heroínas de mitos e contos de fadas, bem como alguns casos reais trazidos pela autora.

A série se encaixa da mesma forma com a definição de Bakhtin (2011) sobre romance de provação, no qual o personagem principal tem a sua vida mudada de forma que aconteçam situações inesperadas e ele viva uma grande aventura, com uma representação de mundo focada somente nesse personagem central, até que a vida volte ao seu curso normal.

Também faz jus a alguns argumentos de Pearson (1996) sobre o arquétipo do mago, pois se trata de uma menina tentando equilibrar o mundo humano junto com o mundo sobrenatural, e por ser uma pessoa-leopardo, ela utiliza mais de sua sabedoria e perspicácia do que da sua força física, além de entender que existe algo muito maior e mais importante do que a sua própria vida. Características similares ao arquétipo de maga descrita por Pearson (1996).

Ainda, foi demonstrado que o livro não só serve como um exemplo da jornada do herói, como também mostra a cultura Igbo, com sua mitologia, hábitos e tradições

oriundas de parte da África Ocidental. Obviamente que não é mostrada a cultura como um todo, da mesma forma que a mitologia Igbo não é apresentada em sua totalidade no livro, mas é um meio de o leitor se interessar por essa mitologia e procurar saber mais ou até mesmo por livros mitológicos como um todo, da mesma forma como ocorre com relação ao monomito e livros que o contém.

A série, embora ainda incompleta no Brasil, é uma ótima forma de incentivar os jovens à leitura, afinal, os livros tem como público alvo o infanto-juvenil e a partir dele podem ser trabalhadas questões relacionadas tanto com a jornada do herói quanto servir de entrada para livros mais complexos como *Odisséia*, de Homero. Também pode servir para entender um pouco melhor sobre uma nova cultura e assim, sobre diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

ABISOYE. **Who is Chukwu to the Igbos?**. PlusTV África, 2021. Disponível em: <https://plustvafrica.com/who-is-chukwu-to-the-igbos/>. Acesso em: 19 jun. 2022.

AKATA Woman. **Amazon**. [s.l.], 2022. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Akata-Woman-Nsibidi-Scripts-English-ebook/dp/B092V3ZCR9/ref=tmm_kin_swatch_0?_encoding=UTF8&qid=&sr=. Acesso em: 05 set. 2022.

AN EVENING with Nnedi Okorafor - Writer's Symposium by the Sea. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (59min). Publicado pelo canal University of California Television (UCTV). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nanoQWr9o7o>. Acesso em: 24 jul. 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BATTESTINI, Simon. **African writing and text**. New York: Legas Publishing, 1999.

BRUXA Akata. **Galera Record**, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://record.com.br/produto/bruxa-akata/>. Acesso em: 05 set. 2022.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. 13. ed. 11. reimpressão de 1989. São Paulo: Pensamento, 2007.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 8. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GUERREIRA Akata. **Galera Record**, [s.l.], 2022. Disponível em: <https://record.com.br/produto/guerreira-akata-vol-2/>. Acesso em: 05 set. 2022.

KANU, Ikechukwu Anthony. Ecological significance of Mmuo Mmiri (water spirits) in igbo philosophy and religion. **African Eco-Philosophy: Cosmology, Consciousness And The Environment**, Anambra. Disponível em: acjol.org/index.php/jassd/article/view/1860/1838. Acesso em: 04 jul. 2022.

MICHAELIS. **Dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MURDOCK, Maureen. **A jornada da heroína: a busca da mulher para se reconectar com o feminino**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. 1. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.

NNEDI Okorafor: Sci-fi stories that imagine a future Africa. [S. l.: s. n.], 2018. 1 vídeo (9min). Publicado pelo canal TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mt0PiXLvYIU>. Acesso em: 29 maio 2022.

OKRI, Ben. **The famished road**. 1. ed. Vintage Digital, 2015.

- OKORAFOR, Nnedi. **Bruxa Akata**. Trad. João Sette Câmara. 1. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2018.
- OKORAFOR, Nnedi. **Akata warrior**. 1. ed. New York: Speak, 2017.
- OKORAFOR, Nnedi. **Akata woman**. 1. ed. New York: Viking, 2022.
- PEARSON, Carol. **O herói interior**: seis arquétipos que orientam a nossa vida. Trad. Terezinha Batista Santos. São Paulo: Cultrix, 1996.
- UGOBUDE, Franklin. **Masquerades in Igbo land**. The Guardian, 2021. Disponível em: <https://guardian.ng/life/masquerades-in-igbo-land/>. Acesso em: 15 jun. 2022.